

Os Jornais de Santiago, Caxias do Sul, Santo Ângelo e Porto Alegre que Disseram “Sim” ao Golpe de 1964¹

Douglas H. CAUDURO²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

Resumo

O principal objetivo deste artigo é abordar o comportamento dos jornais das cidades gaúchas de Santiago, Caxias do Sul, Santo Ângelo e Porto Alegre em 1964. A pesquisa busca avaliar através desses impressos, o apoio da mídia ao golpe militar que depôs o presidente brasileiro, João Goulart, eleito de forma democrática. E também avaliar de que maneira esses mesmos jornais durante o primeiro ano da ditadura se propuseram a legitimar e criar um ambiente favorável aos militares que passaram a governar o país.

Palavras-chave: Historiografia; Jornais; Ditadura militar.

1 Introdução

Os anos sessenta foram marcados pela instabilidade política nacional. Em 1961 a renúncia de Jânio Quadros e a primeira tentativa de golpe por parte dos militares, frustrada pela campanha da Legalidade³ encadeada por Leonel Brizola, que deixou João Goulart como presidente do Brasil, governando, entretanto, no sistema parlamentarista. Em 1963 veio o plebiscito. Em vitória esmagadora João Goulart finalmente seria o presidente do país em um sistema presidencialista. Isso aconteceria se o deixassem governar.

O ano de 1964 começou com João Goulart prometendo reformas em diversas áreas da sociedade. Essas reformas ficaram conhecidas como “as reformas de base”. Entre elas, havia a reforma agrária que até hoje, 52 anos depois, não saiu do papel. As mudanças, dando voto aos analfabetos e nacionalização de refinarias, eram vistas como uma política comunista. Essa visão fez por parte da alta sociedade, militares e imprensa, e acabou se espalhando pela classe média brasileira. Nesta época, o mundo vivia separado em dois blocos: o comunismo

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Mestrando do Curso de Comunicação Social na Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUCRS, e-mail: douglascauduro@gmail.com.

³ Campanha política e militar que defendia a posse de João Goulart baseada na manutenção jurídica.

da União Soviética, e os capitalismo dos norte-americanos. Esse momento mundial delicado acabou contaminando o imaginário social, sendo utilizado por quem possuía o desejo de derrubar um governo que buscava ajudar a população de baixa renda.

De acordo com NUNES (2004, p.8)

As marchas da família com Deus pela liberdade estimularam adversários do governo a engrossar a voz e elevar o tom do discurso. Em diferentes pontos do Brasil, comandantes fardados contestaram a legitimidade do governo e anunciaram a disposição para a luta. Como comprovariam documentos divulgados anos mais tardes, parte da força naval americana deslocou-se para as cercanias da costa brasileira. Caso explodisse a guerra civil, os Estados Unidos socorreriam os golpistas e reconheceriam formalmente o governo rebelde.

Se valendo do fantasma do “comunismo” de Jango, o movimento pró golpe logo tomou força no Brasil. O medo que as reformas causavam na alta classe brasileira, serviu para impulsionar os militares e a mídia conservadora a empurrarem a população contra Jango e seu formato de governo. O famoso comício na Central do Brasil, em 13 de março de 1964, assustou ainda mais os conservadores. Jango discursava naquela noite de sexta-feira com todo poder e força para manter seu mandato. Visando continuar com seus projetos baseados em reformas que trariam melhorias à população de classe baixa e pavor para a alta sociedade conservadora.

O comício na Central do Brasil, promovido em 13 de março de 1964, deveria sobretudo servir de alerta aos militares ultraconservadores: se tentassem consumir algum golpe de Estado, enfrentariam a esquerda finalmente unida, pronta para o combate e apoiada na vontade popular. (NUNES, 2004, p.7).

O caminho conservador, sem grandes mudanças, era a rota que o Brasil deveria seguir segundo os conservadores. A classe alta não gostava do caminho que estava sendo traçado no Brasil. De acordo com GORENDER (apud FICO, 2004, p.34),

O núcleo burguês industrializante e os setores vinculados ao capital estrangeiro perceberam os riscos dessas virtualidades das reformas de base e formularam a alternativa da modernização conservadora. Opção que se conjugou à conspiração golpista.

O Brasil vivia um período em que o clima de mobilização social começava a ganhar força, o futuro se tornava um símbolo de mudanças e oportunidades, ao mesmo tempo em que as tensões eram criadas tanto nas classes proprietárias quanto nas classes populares. O país queria começar realmente a andar sobre os trilhos da democracia. As reformas se faziam necessárias.

A queda prematura do presidente João Goulart deu-se em torno do caos dos que não aceitavam as mudanças propostas. Jango se aliou à classe menos favorecida da sociedade e sofreu pressão por essa escolha. Em virtude dessa decisão, a quebra da disciplina militar acendeu a ira dos conservadores. A extrema direita temia o fantasma das reformas, que democraticamente seriam votadas. Conforme DULCI (2004, p.16),

Todos os segmentos classistas e partidários concordavam com as necessidades reformas, embora não houvesse consenso sobre o sentido que elas deveriam assumir. Tratava-se, então, de negociar e chegar a um acordo no Congresso. Mas isso pressupunha um compromisso firme em torno das instituições vigentes, o que não aconteceu, como se nenhum setor apostasse verdadeiramente na sobrevivência do regime.

As atividades conspiratórias envolvendo generais, oficiais, governadores, parlamentares, mídia e empresários, se intensificaram na medida em que o discurso de João Goulart tomava poder e ganhava a população. Com essa rede golpista formada as propagandas para desestabilização de Jango tomavam forma.

Somente com a vontade dos militares o golpe não se constituiu. A derrubada de Jango do poder também teve apoio por parte de segmentos importantes da sociedade. Os grandes proprietários rurais, a burguesia industrial, o setor conservador e anticomunista da Igreja Católica (na época majoritário dentro da Igreja), que promoveu a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, realizada para promover o golpe, contou com a divulgação e propagação da imprensa. “O perigo vermelho”. “O perigo comunista”. São esses os argumentos propagados pelos setores da sociedade que derrubaram um governo democraticamente eleito pela população.

Segundo SILVA (2014, p.9)

Passado meio século de tantos enganos, releituras e novas narrativas, chegou a hora da exumação dos restos mortais da imprensa de 1964. Alguns jornalistas daquela época ainda andam por aí como espectros vangloriando-se do que nem sempre foram e disseminando, ou deixando crer, versões épicas sobre o que, na verdade, não passou, na hora do pior, no momento do mergulho no abismo, de uma adesão patética, vergonhosa, entusiasmada e convicta baseada em falsos argumentos [...].

2 Metodologia

A análise de conteúdo foi a base desse trabalho. Partindo de uma visão quantitativa, a pesquisa buscou nos textos solidez para tornar os resultados qualitativos. Dessa maneira, Roque Moraes (1999) diz que essa metodologia de pesquisa faz parte de uma busca teórica e prática com um significado especial no campo das investigações sociais, o que se constitui bem mais do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias.

As palavras acabam encobrindo acontecimentos, posições. Por isso uma análise dos fatos em determinados períodos acaba clareando o caminho. A pesquisa faz parte da busca pela resposta, do que está encoberto, do que ainda não foi visto. Segundo Silva (2011), pesquisar é fazer vir à tona o que se encontra, muitas vezes, praticamente na superfície do vivido.

Este artigo contou com análise bibliográfica para entender a história e fundar as bases do texto. A saída em campo foi fundamental para adquirir as novidades sobre o objeto de estudo.

2.1 Período Zero Hora

O jornal *Zero hora* foi escolhido por ter surgido logo após a tomada de poder pelos militares, que extinguiram o jornal *Última Hora*, que sempre foi favorável à manutenção de João Goulart. Foram escolhidos todos os meses de 1964 a partir do surgimento do jornal, em maio. Todos esses meses foram analisados para entender como *Zero Hora* se comportou no período inicial da ditadura militar.

2.2 Período Correio do Povo

O jornal *Correio do Povo* foi escolhido, pois em 1961, três anos antes do golpe militar, apoiou a ascensão de João Goulart ao poder no episódio que ficou conhecida como Legalidade. Em 1964, o jornal tomou um caminho diferente, ficando ao lado dos militares. Por isso o mês de abril de 1964 do *Correio do Povo* foi o período mais pesquisado, buscando entender como o jornal mudou de lado em três anos, passando a alimentar e sustentar a posição dos militares.

2.3 Período dos Jornais O Destino, Folha da Tarde, O Debate e Correio Rio Grandense

Toda a pesquisa desses quatro jornais se deu no Museu de Comunicação Hypólito da Costa. Em virtude da escassez de exemplares no acervo, poucas edições foram encontradas e avaliadas. Apenas uma edição do mês de fevereiro de 1963 do jornal *O Destino* foi encontrada. A pesquisa sobre o jornal *Folha da Tarde* foi realizada em cima do mês de março. Sobre o jornal *O Debate* foram pesquisadas edições de agosto e setembro. O jornal *Correio Rio Grandense* contando com a pesquisa apenas do mês de fevereiro.

Não houve intensão em distanciar os meses ou afastá-los em relação aos jornais pesquisados. A pesquisa buscou avaliar as publicações do ano de 1964. Ela não pode se concentrar sobre algum mês ou meses determinados em virtude da falta de material no acervo do Museu Hypólito da Costa.

2.4 A Pesquisa

A pesquisa foi realizada no Museu da Comunicação Hypólito da Costa, de acordo com a instituição uma das maiores hemerotecas do país, com cerca de três mil títulos, composta por periódicos datados desde o século XIX até a atualidade, com diversas obras raras que representam importantes períodos da nossa história.

Este trabalho buscou entender como os jornais no ano de 1964 cobriram a ditadura militar. Como os militares tiveram sustentação, por quais argumentos eles conseguiram ganhar a confiança e o desejo de parte da população e tomar o poder de forma ilegal. O papel

dos jornais foi fundamental na construção do golpe. As notícias, editoriais, notas, enfim, tudo acabava colaborando com o pensamento dos militares. Os golpistas tiveram apoio em muitos setores, mas a mídia se tornou um forte aliado no período.

3 Os Jornais Pesquisados

Ao todo, seis jornais foram pesquisados. Em cima deles pode-se entender de que maneira a imprensa gaúcha se comportou em relação ao golpe de 1964, e a forma que utilizou para tentar a legitimação do poder dos generais. Cada qual com seu formato. Seguindo uma linha. Aplicavam sua teoria de uma maneira distinta, porém, todos com a mesma intenção, com os propósitos definidos: remover João Goulart e valorizar as Forças Armadas.

3.1 O Nascimento do Jornal Zero Hora

Nascido 34 dias após o golpe, em 4 de maio de 1964, contando com único dono, Ary de Carvalho, o jornal *Zero Hora* surge para ocupar o espaço deixado pelo *Última Hora*, fechado pelos militares por ter apoiado Jango. O jovem impresso não esperou muito para mostrar a que veio, mesmo que tenha tentado dissimular. Na primeira edição, *Zero Hora* se definiu como um jornal independente e sem vínculos ou compromissos políticos. Entretanto não foi isso que vimos logo na edição do dia 18 de maio de 1964, na qual o editorial deixa bem claro que o pensamento do jornal condiz com o dos golpistas.

Zero Hora foi forjada em discurso absolutamente pró-golpistas, festejando mutuamente com os militares que há pouco haviam usurpado o poder. O que se vê é uma cobertura totalmente interconectada, misturando opinião e notícias, manifestando-se sempre em apoio à recém-nascida ditadura. A relação entre o jornal e os militares foi de admiração e apoio recíprocos.

Os comunistas optaram então pela criação do desespero e da inflação. Por isso, o governo deposto emitia bilhões e bilhões de Cruzeiros, desvalorizando deliberadamente o poder aquisitivo da nossa moeda para assim, lançar dúvidas sobre as instituições democráticas. Foi contra esse caos pré-fabricado que se ergueram unidos o povo brasileiro e suas forças armadas. (ZERO HORA, 18.04.1964, Editorial: A ação dos Comunistas).

Um dia após a sua estreia pró governo, a propaganda inflamada contra os comunistas seguia tomando conta das linhas dos jornais. Em 19 de maio de 1964, nota-se que a democracia é colocada ao lado dos generais, e o comunismo e tudo de ruim são direcionados ao governo deposto. “*Colabore você também na consolidação e salvaguarda da democracia, anulando a ação nefasta dos comunistas*”. (ZERO HORA, 19.04.1964, Editorial: A ação dos comunistas).

Na edição do dia 21 de maio de 1964, *Zero Hora* nomeia como revolução, o golpe que foi dado pelas Forças Armadas. O jornal dá glória aos militares e os coloca como salvadores da força democrática. “Comemorando a vitória das forças democráticas. O circuito militar de Porto Alegre realizou coquetel na tarde de ontem, oportunidade em que recepcionou autoridades civis e militares. ” (ZERO HORA, 21.05.1964, Circuito Militar comemorou ontem vitória da Revolução).

Nesta mesma edição do dia 21 de maio de 1964, em sua página três, *Zero Hora* faz uma matéria sobre como participar da “Marcha da Família com Deus”. O texto faz questão de abordar que o acontecido entre os 31 de março e 1 de abril foi uma revolução sem derramamento de sangue. “A marcha é expressão de alegria pela restauração, sem sangue”. (ZERO HORA, 21.05.1964, Como comparecer à Marcha da Família com Deus).

Um dos pontos mais claros das publicações de *Zero Hora* que mostram como o jornal trabalhou para os militares é a coluna “ZH Militar”. O jornalismo não foi prestado pelo jornal, mas sim, uma assessoria de imprensa disfarçada à Ditadura. “ZH Militar”, com linguagem textual em formato de *release*, sem esconder, apresenta diretamente notícias internas dos círculos militares. Informações que só serviam aos militares.

Ficou mais evidente o trabalho de assessoria de imprensa que o jornal *Zero Hora* prestou aos militares na matéria publicada no dia 10 de junho de 1964 em que a reunião dos diretores do jornal com os militares é dada com tom de celebração. O que acaba escancarando como partidária a cobertura do golpe pelo jornal foi a declaração dada pelo General Poppe Figueiredo, em que ele elogia a defesa da democracia por *Zero Hora*. “No decorrer do encontro, o General Poppe de Figueiredo fez referências elogiosos a *Zero Hora*, destacando, principalmente, a sua orientação de defesa a democracia e de princípios Cristãos”. (ZERO HORA, 10.06.1964, Diretores de ZH visitaram comandante do III exército).

O que não demorou para surgir, foram as denúncias de tortura sobre os presos políticos. Em menos de cinco meses no governo, os militares davam início as “investigações” para descobrir os maus tratos à população carcerária. Porém, elas serviram mais para abafar o caso do que esclarecer, e a imprensa teve papel importante na falta de clareza dos fatos. “Após ter percorrido essas localidades, o general Ernesto Geisel, em suas declarações iniciais feitas, ainda, no Nordeste, disse carecer de fundamento as denúncias feitas”. (ZERO HORA, 17.09.1964, Geisel sobre torturadores: - Não há fundamentos nas denúncias).

Houve uma campanha na tentativa de legitimação do governo militar logo no início do primeiro ano do golpe. A apresentação das tão esperadas e propagandeadas provas nunca apareceram. Para imprensa, o anúncio das mesmas já bastava. Mesmo assim, para os apoiadores do golpe, as chamadas provas de subversão, nunca apresentadas, garantiriam o direito legal dos militares de governar o país.

O ministro da guerra e seus auxiliares imediatos exibiram, ontem à cerca de 40 diretores de jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão do Rio e São Paulo, os documentos que serviriam de base para 850 investigações sumárias procedidas. Durante a exposição, 65 jornalistas e radialistas puderam manusear os documentos, mostrando-se em sua maioria, satisfeitos com explicações. Em novembro, os militares escancaravam seu laço de amizade forte com os EUA. (ZERO HORA, 25.09.1964, Costa e Silva mostrou as provas de subversão).

3.2 A Reviravolta do Correio do Povo

Em Porto Alegre, no dia 1º de outubro de 1895 foi fundado o jornal *Correio do Povo*. O nordestino Francisco Antônio Vieira Caldas Junior, que logo no começo de sua vida se mudou para Rio Grande do Sul, era o fundador. O seu jornalismo de interesse social logo conquistou a população. O pensamento na época do *Correio do Povo* era reinvestir o lucro no próprio jornal. Isso fica claro já na primeira edição.

O *Correio do Povo* será noticioso, literário e comercial, e ocupar-se á de todos os assuntos de interesse geral, obedecendo a feição característica dos jornais modernos e só subordinando os seus intuitos às inspirações do bem público e do dever inerente às funções de imprensa livre e independente. O *Correio do Povo* aspira a honra de se fazer uma folha lida e apreciada por todos, e para isso não poupará nem medirá sacrifícios. Jornal aberto a todas as manifestações do pensamento, estas colunas estarão sempre francas a quantos

queiram, com elevação de visitas, tratar de assuntos de interesse geral, discutindo ideias e opiniões sobre política e literatura, indústria ou comércio, anúncios ou artes. Este jornal vai ser feito para toda a massa, não para determinados indivíduos ou uma única facção. (CORREIO DO POVO, 01.10.1985, PÁGINA 01).

Mas em 1964 as coisas mudaram. O *Correio do Povo* ofereceu apoio aos golpistas, dando suporte midiático através de reportagens, editoriais e colunas de opinião. O impresso foi mais um braço favorável das Forças Armadas. O *Correio do Povo* por sua vez, não elabora críticas tão pesadas e duras quanto outros jornais de Porto Alegre e centro do país, mas assume o lado dos militares de uma forma mais branda, não destila ódio aos derrotados, mas acredita que o golpe foi o melhor para o Brasil. Como podemos ver no editorial dois dias após o golpe.

Trata-se, contudo, ao que afortunadamente, tudo está a indicar, de uma página volvida na história política no Brasil – o que deve ser creditado, mais uma vez ao discernimento, patriotismo, e ao desprendimento das Nossas Forças Armadas, graças às quais devemos a restauração do império da Constituição no seu verdadeiro espírito, que não se compadecia com o carnaval político-administrativo ao que estávamos assistindo. (CORREIO DO POVO, 03.05.1964, Editorial: Fim do pesadelo)

O jornal enaltece a volta da ordem democrática estabelecida pelos militares. Acreditando que agora, enfim, o Brasil estaria em um rumo certo. Em busca da sua reconstrução.

O Brasil voltou a viver debaixo da ordem constitucional. Nesse enunciado compreendem-se o restabelecimento das instituições democráticas. A independência e harmonia dos três poderes voltam novamente a servir de argamassa para que o regime seja reconstruído a partir de suas bases angulares. (CORREIO DO POVO, 04.04. 1964, Editorial: Reconstrução Nacional).

Sentindo-se aliviado pela derrubada de Jango do poder, o *Correio do Povo* agora buscava sustentação para o golpe, e apostava no poder de Castelo Branco. Para o jornal, a democracia estava sendo restabelecida, assim como a ordem, chegando a chamar o golpe de revolução democrática.

A posse de General de Alencar Castelo Branco, amanhã à tarde, na Presidência da República, completará a reorganização administrativa e política do país, que, assim, vai, aos poucos, normalizando sua vida, conturbada com o movimento revolucionário democrático que afastou o governo João Goulart. (CORREIO DO POVO, 15.04.1964, Com a posse de Castelo Branco, completa-se a reorganização administrativa do país).

3.3 Folha da Tarde e a Justificativa Internacional do Golpe

O jornal *Folha da Tarde* fundado em 1936, foi um veículo da Companhia Caldas Júnior, que circulou até o ano de 1984. Em 31 de março de 1964, o colunista Arlindo Pasqualini busca inflamar ainda mais a população contra o governo que estava em vias de ser deposto, apelando à futurologia. Prevendo um caos. Segundo o artigo, o Brasil teria uma quebra de suas instituições e valores pela primeira vez na história.

O povo brasileiro precisaria adquirir consciência de que certos fatos que hoje ocorrem no país não fazem parte dos métodos tradicionais de nossa política. São fatos de extrema gravidade, que acabarão por testar a própria capacidade de sobrevivência da Nação. Sempre tivemos as nossas disputas e antagonismos partidários. Mas nunca houve por parte de facções políticas em luta o propósito de destruir, de aniquilar certos valores e certas instituições sem as quais tudo poderá submergir de forma irremediável. (FOLHA DA TARDE, 31.03.1964).

O jornal foi além. Buscou sustentação internacional para mostrar que o Brasil estava em ebulição. O especialista sobre o momento vivido no país vinha de fora. Os americanos, que hoje sabemos ajudaram na construção do golpe, serviram como fonte ao *Folha da Tarde*. Na manhã do dia 31 de março, a publicação em chamada de capa com ampliação da matéria na página 3, mostrava a visão norte-americana sobre o momento que passava a política brasileira.

“O Brasil pode explodir a qualquer momento e em qualquer direção”, opinou ontem, num editorial, o jornal “New York Daily News”. Disse o jornal: “O Brasil a maior república da América do Sul, encontra-se num perigoso estado de fermentação. Tem um rico e caprichoso radical chamado João Goulart na presidência, uma inflação galopante que preocupa muitos brasileiros, um movimento operário dominado pelos comunistas e uma camarilha militar de direitistas extremistas. Fidel Castro em Cuba, evidentemente está dando

ordens aos vermelhos brasileiros, que acusam os militares de conspirar para derrubar Goulart”. (FOLHA DA TARDE, 31.03.1964, p.3).

3.4 A Opinião Favorável ao Golpe no O Debate de Santo Ângelo

A cidade de Santo Ângelo, localizada à noroeste do estado gaúcho, possuía um jornal chamado *O Debate*. Extinto atualmente, a publicação no começo dos anos sessenta deixava bem clara o seu posicionamento sobre o momento político vivido no Brasil. Em sua coluna, intitulada *Tribunais de Emergência*, Márcio Bazán, euforicamente chamava a “revolução” de gloriosa e seguia o pensamento de que o país se transformaria em uma nação comunista.

Logo após a eclosão do glorioso movimento revolucionário de 31 de março, em que as valorosas Forças Armadas do país, num espetacular e maravilhoso pronunciamento cívico, enxotaram da governança do Brasil Jango Goulart e a nefasta congerie de sevandijas que o assediava roubando a Nação e tangendo-a estupidamente para o exotismo soviético, logo após essa brilhante, regeneradora e patriótica arrancada, eu, em artigo por estas mesmas colunas, lembrei que, para podermos meter, com segurança na cadeia, os ladrões da pátria, devíamos organizar tribunais de emergência. (O DEBATE, 22.04.1964, p.4).

Mais uma vez Márcio Bázan ataca. Coloca como inimigos da “revolução” os congressistas. Em artigo intitulado *O maior inimigo*, o colunista trata de levantar argumentos para que o general Castelo Branco acabe com o poder político desses que não aceitaram de boa-fé o movimento que removeu inconstitucionalmente um presidente eleito.

O maior inimigo da gloriosa revolução de 31 de março é, sem dúvida alguma, o Congresso, e especialmente, a Câmara Baixa. Engana-se com ele quem quiser. Eu que não o levarei de compadre... Que é mesmo de se esperar de um Congresso, que na sua maioria é composto de elementos do PSD e do PTB – irmão xifópagos, gerados no mesmo ventre? (...) Eclode, então, a revolução de 31 de março, em que foi diretamente batido o PTB e indiretamente o PSD, partido esse que se pôs atrás do biombo, assuntando de longe, até ver em que paravam as modas. Triunfante o movimento, o PSD – salvo apreciável parcela da seção do Rio Grande – se apurou a lhe bater palmas, visando a não perder de todo a sinecura governamental. Quem, pois, a não ser o marechal Castelo Branco, homem de ingênua boa fé, dando ouvido a manhosos marsupiais do Parlamento, poderá crer na sinceridade revolucionária da maioria de um Congresso, que recebeu de cara fechada um movimento armado, que lhe diminuía as possibilidades de mando e de ‘savoir faire’? Tolos são aqueles que lhe depositam confiança. Por isso, grave erro foi conservá-lo em exercício, quando se impunha o seu providencial recesso, ou, mesmo, a sua dissolução, para que a revolução pudesse agir livremente, pondo nos eixos a desconjuntada geringonça

governamental. Agora é tarde e ‘Inês é morta’. Quer queiramos, quer não, teremos de nos submeter ao imperativo das circunstâncias, e vemos fracassada revolução, sob a égide sibilina dos seus inimigos, que continuarão mandando e desmandando, a não ser que tenhamos de fazer agora, com ingente sacrifício, o que, por um crasso erro de visão política, não foi feito em seu mais oportuno momento. Enfim! Quem sabe o que faltou foi cabeça ou coragem dos processos revolucionários, ou se foi uma pueril tolerância com espertalhões que não a mereciam. (O DEBATE, 13.09.1964, p.3).

3.5 O Destino Pediu Pelo Golpe em Forma de Poesia

Não contando com artigos, matérias, editoriais, crônicas ou colunas, que pedissem diretamente pelo golpe, o jornal *O Destino* de Santiago deixou sua opinião através da poesia de um dos seus contribuintes, Sérgio Jokyman, intitulado de *Revolução*. O extinto jornal do noroeste gaúcho com um pouco mais de 12 meses de antecipação ao golpe se valeu da arte com as palavras para perguntar se uma mudança não ocorreria no país.

Ó BRASIL! Será que não há do lado de cá, será que não há a revolução? A revolução do tapa na cara, do pé na virilha, do tiro no pai, do beijo na filha será que não sai? A revolução da mesa virada, do vidro quebrado, da bomba no trem, do povo danado, será que não vem? A revolução da bala perdida, da nota oficial, do cabo que vai até o general... Será que não sai? Ó Brasil! Será que não há, do lado de cá, será que não há? A revolução? A revolução dos títulos didos “São Paulo caiu”, “Massacre em Belém”, “Revolução no Rio”. Será que não vêm? A revolução das frases de efeito, “É o povo quem pede!”, Justiça não sai! A honra não cede! Será que não sai! A revolução do urro de raiva, da praga bonita, do morto que tem medalha bonita, será que não vêm? (O DESTINO, 13.02.1963).

3.6 Correio Rio Grandense Deu Sustentação ao Golpe

O *Correio Rio Grandense*, nascido em 1909 na cidade Caxias do Sul, serra do Rio grande do Sul continua a circular. Com seu tradicionalismo conservador, o jornal ajudou a dar sustentação ao golpe, valendo-se da seriedade e sensatez dos militares. Valores que segundo a publicação, são totalmente opostos ao governo deposto, como verificamos na coluna de Décio Dutra.

Exatamente agora, nas portas da semana da pátria, desmantelou a polícia um plano terrorista na Capital dos Pampas. Foram presos vários indiciados e apreendido material incriminatório: bombas, instrumentações para atos de

sabotagem e mapas. Não são nem cinco meses que foi desmontada a máquina de subversão da ordem do país. Até aí tinha passo livre e até era estimulada pelas autoridades uma espécie de terrorismo braco. Agitação constante, greves, amotinamentos de marginais fantasiados de camponeses, demagogia, subversão eram prato diário, de norte a sul. Felizmente, as coisas se modificaram e aquietaram. Chegou a seriedade, e a sensatez parece ter voltado do exílio. Os amigos da barganha, porém, não dormem. Pela palavra e pela ação vão avançando sem temor. Prova-o o complô em Porto Alegre e outros não menos atrevidos. (CORREIO RIO GRANDENSE, 02.09.1964).

Em matéria publicada no dia dois de setembro, intitulada *Castelo: Revolução irá até estabilidade total do país*, o jornal dá voz ao general Castelo Branco em seu primeiro Ato Institucional (AI-1), e o apoia acreditando na estabilidade do país.

“A revolução não se detém e normalizará a vida brasileira. Fará todos os esforços para conseguir a estabilidade das instituições e das finanças nacionais. A economia do Brasil se levantará, inclusive na base da justiça social. Novas leis permitirão que a evolução se processe em todos os setores da vida nacional”. Declarou o presidente que “o Ato Institucional é obra essencialmente revolucionária para repor a Nação na sua ordem jurídica restabelecer a ordem pública e a ética na administração do país”. E arrematou: “O Congresso e o Supremo Tribunal Federal acataram o Ato Institucional e incorporaram-se às atividades da nova situação brasileira. Fora daí é contra-revolução”. (CORREIO RIO GRANDENSE, 02.09.1964).

Em matéria publicada no dia dezesseis de setembro de 1964, intitulada *CB: reforma agrária com justiça social*, o jornal valoriza a declaração do general Castelo Branco argumentando que o governo deposto não faria uma reforma agrária séria.

No discurso que pronunciou em Curitiba, o presidente Castelo Branco focalizou a situação da agricultura, para dizer que o governo deposto abandonara os campos a própria sorte, limitando-se a acenar, insincera e desordenadamente, com a bandeira de uma reforma agrária em que jamais pensou com seriedade. (CORREIO RIO GRANDENSE, 16.09.1964).

Esses jornais, de todas as suas formas, ajudaram a construir um ambiente de instabilidade nacional, ao mesmo tempo que clamavam pela intervenção militar na política. Além do apoio na construção do golpe, a imprensa seguiu fazendo campanha positiva às Forças Armadas. Se não houvesse o apoio da mídia, o ambiente favorável à intervenção

militar no Brasil não teria sido criado, e nem mesmo a construção de legitimação do governo militar. Sem ajuda da imprensa, o Brasil não teria mais de duas décadas sem democracia.

Referências bibliográficas

ABREU, Alzira Alvez. **A participação da imprensa na queda do Governo Goulart**. IN: FICO, Carlos; CASTRO, Celso; Martins, Ismênia de Lima et al. 1964-2004 – 40 anos do golpe: ditadura militar e resistência no Brasil. Rio de Janeiro: 7 letras, 2004, pp. 15-25.

BARBOSA, Vivaldo. **A rebelião da legalidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

BENDA, Julian. **A traição dos intelectuais**. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro; ODALIA, Nilo. **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**. São Paulo: Editora Unesp e Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.

CASTELLO BRANCO, Carlos. **A renúncia de Jango**. Brasília: Senado Federal, 2000.

COUTO, Ronaldo Costa. **História indiscreta da ditadura e da abertura**. Brasil: 1964 -1985. Rio de Janeiro: Record, 1998.

DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DREIFUSS, René Armand. **1964: a conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1981.

DINES, Alberto (org.). **Os idos de março e a queda de abril**. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1964.

FICO, Carlos. **Como eles agiam: os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e política**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

LAGO, Cláudia e ROMANCINI, Richard. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

LARANJEIRA, Álvaro Nunes. **A Mídia e o Regime Militar**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PILAGALLO, Oscar. **O Brasil em sobressalto – 80 anos de história contada pela Folha**. São Paulo: Publifolha, 2002.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**. Volume 22, 1999. Disponível: http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html. Acesso em: 21 de julho. 2014.

SILVA, Hélio. **1964: golpe ou contragolpe?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

SILVA, Juremir Machado da. **Jango, a vida e a morte no exílio – como foram construídos, com ajuda da mídia, o imaginário favorável ao golpe e as narrativas sobre as suspeitas de assassinato do presidente deposto em 1964**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

_____, Juremir Machado da. **1964 Golpe midiático-civil-militar**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

_____, Juremir. **O que pesquisar quer dizer**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

REIS, Daniel Arão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964 – 2004)**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2004.

REIS, Daniel Arão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

REZENDE, Maria José de. **A Ditadura Militar no Brasil: repressão e pretensão da legitimidade – 1964 - 1984**. Londrina: Uel, 2001.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SODRÉ, Nelson Weneck. **História da imprensa no Brasil**. Porto Alegre: Edipucrs, 2011.